26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ISSN 2177-3688

GT 12 – INFORMAÇÃO, ESTUDOS ÉTNICO-RACIAIS, GÊNERO E DIVERSIDADES

CAROLINA MARIA DE JESUS: REPRESENTATIVIDADE E REPRESENTAÇÃO

CAROLINA MARIA DE JESUS: *REPRESENTATIVENESS AND REPRESENTATION*

Fernanda Cordeiro de Carvalho – Universidade de Brasília /(UnB)
Rogerio Henrique de Araújo Júnior – Universidade de Brasília /(UnB)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: Este artigo analisa criticamente a representatividade e representação de Carolina Maria de Jesus e sua obra seminal Quarto de despejo: diário de uma favelada, nos acervos de 27 redes de bibliotecas universitárias públicas federais brasileiras. Parte-se da compreensão de que catálogos e práticas de organização do conhecimento não são neutros, mas refletem escolhas epistemológicas e socioculturais que influenciam a visibilidade de autorias, obras e perspectivas historicamente marginalizadas. Os resultados indicam que, embora a autora esteja presente em 85% das redes analisadas, há limitação na diversidade de títulos disponíveis. Quanto à representação, identificaram-se variações de classificação e termos de indexação, com a predominância do termo “Favelas”, frequentemente utilizado como principal assunto da obra, enquanto categorias relacionadas a raça, classe e gênero aparecem de forma menos expressiva. A análise sugere que a presença de uma autoria nos acervos não implica, necessariamente, uma representação temática plural de sua produção. Conclui-se que as práticas de organização do conhecimento podem ampliar ou limitar condições de visibilidade e recuperação da informação, evidenciando a necessidade de práticas capazes de favorecer a diversidade epistemológica, a justiça informacional e a representatividade nos acervos universitários.
Palavras-chave: organização do conhecimento; bibliotecas universitárias; teoria crítica; literatura; Carolina Maria de Jesus.

Abstract: This article critically analyzes the representativeness and representation of Carolina Maria de Jesus and her seminal work Quarto de despejo: diário de uma favelada in the collections of 27 Brazilian federal public university library networks. The analysis is based on

the understanding that catalogs and knowledge organization practices are not neutral but reflect epistemological and sociocultural choices that influence the visibility of historically marginalized authors, works, and perspectives. The results indicate that, although the author is present in 85% of the networks analyzed, there is a limitation in the diversity of available titles. Regarding representation, variations in classification and indexing terms were identified, with a predominance of the term “Favelas” frequently used as the work’s main subject, while categories related to race, class and gender appear less prominently. The analysis suggests that the presence of an author in the collections does not necessarily imply a pluralistic thematic representation of her or his body of work. It is concluded that knowledge organization practices can either expand or limit the conditions for visibility and information retrieval, highlighting the need for practices capable of promoting epistemological diversity, informational justice, and representativeness in university collections.
Keywords: knowledge organization; university libraries; critical theory; fictional literature; Carolina Maria de Jesus.

1 INTRODUÇÃO

O catálogo de uma biblioteca, para além de ser uma listagem das obras disponíveis, constitui um instrumento de organização e representação do conhecimento, refletindo escolhas conceituais, epistemológicas e socioculturais. Longe de ser neutro, incorpora decisões técnicas e intelectuais que interferem na forma como obras, autorias, temas e saberes são identificados, representados e recuperados. Os catálogos das bibliotecas universitárias (BUs), por sua vez, ao organizarem a produção bibliográfica que subsidia atividades de ensino, pesquisa e extensão, participam dos processos de circulação, legitimação e visibilização de autores e perspectivas teóricas e sociais.

Analisar criticamente essas coleções implica considerar não apenas quais sujeitos e obras estão presentes, mas também como são representados. Neste estudo, essa distinção entre representatividade e representação é fundamental. Compreende-se representatividade como a presença e a distribuição de autores e obras nos acervos, permitindo observar sua inserção, concentração ou ausência nesses espaços institucionais. Representação, por sua vez, refere-se às formas pelas quais esses autores e obras são descritos, classificados e indexados nos sistemas de organização e recuperação da informação. Embora distintas, essas dimensões são complementares e podem revelar diferentes formas de visibilidade e apagamento no âmbito das coleções bibliográficas.

Essa discussão adquire particular relevância diante das assimetrias historicamente presentes no campo literário brasileiro, marcado pela predominância masculina e pela marginalização de determinadas autorias e perspectivas sociais (Schmidt, 2019; Telles, 2015).

Estudos sobre a produção literária brasileira contemporânea também evidenciam a permanência de desigualdades na composição do campo literário, com predominância de escritores homens, brancos e provenientes de grandes centros urbanos (Dalcastagnè, 2026). Considerar essas assimetrias permite problematizar não apenas a presença de autorias historicamente marginalizadas nos acervos, mas também as condições de sua representação nos sistemas de informação.

As práticas bibliotecárias, neste contexto, podem contribuir tanto para ampliar a visibilidade de diferentes sujeitos, discursos e perspectivas quanto para reproduzir, ainda que de maneira não intencional, hierarquias e formas de representação socialmente constituídas. Por essa razão, estudos que aproximam as teorias críticas da Ciência da Informação e, especificamente, da organização do conhecimento, têm contribuído para problematizar o caráter social, histórico e contextual das práticas de organização e representação da informação.

Nesse contexto, o presente artigo objetiva analisar criticamente a representatividade de Carolina Maria de Jesus nos acervos de redes de BUs brasileiras e a representação de Quarto de despejo: diário de uma favelada (Jesus, 2014) em seus catálogos. Busca-se compreender em que medida a presença da autora e da obra é acompanhada por formas de representação capazes de contemplar sua diversidade temática, social e cultural, considerando aspectos de presença, classificação e indexação. A pesquisa é orientada pela seguinte questão: como a representatividade de Carolina Maria de Jesus e a representação de *Quarto de despejo* nos catálogos de redes de BUs brasileiras evidenciam possibilidades e limites das práticas de organização e representação da informação sob uma perspectiva crítica?

2 A BIBLIOTECA E A ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

As bibliotecas, como imaginadas por Michèle Petit (2024), podem ser espaços privilegiados para a discussão e o reconhecimento de problemas contemporâneos, como desigualdade de gênero, racismo e LGBTfobia. Contudo, existe um pressuposto nas práticas bibliotecárias que ainda dificulta que a biblioteca seja uma plataforma intersubjetiva, produtiva e social: o mito da neutralidade. Esse mito baseia-se na concepção de que a biblioteca seria um espaço desprovido de influências e a organização da informação resultaria de decisões técnicas e imparciais. Essa convicção, no entanto, vem sendo desmistificada. Para Thiago Barros e Isadora Evangelista (2024).

> [...] muda-se de uma perspectiva dicotômica até então aceita, caracterizada pela busca por uma neutralidade e objetividade, em que aspectos considerados predominantes são os únicos aceitos, para uma nova perspectiva, em que a visão positivista é criticada e há uma maior reflexão ideológica, cultural e política (Barros; Evangelista, 2024, p. 171).

Na prática bibliotecária, atividades como seleção, catalogação, classificação e representação temática são fundamentais para formar uma coleção, organizar os recursos informacionais e possibilitar sua recuperação pelos usuários. Entretanto, a ênfase na objetividade e na padronização pode conduzir a uma atuação excessivamente tecnicista, centrada no suporte da informação e distante das necessidades e expectativas das comunidades atendidas (Sanches; Rio, 2010). Ademais, Fabiola Farias e Cleide Fernandes (2019) reconhecem que as bibliotecas tendem a refletir padrões de exclusão presentes na sociedade brasileira. Para as autoras "assim como tudo na vida, a biblioteca e os livros não são neutros e carregam em si discursos políticos, econômicos, de raça, de classe, de gênero e, principalmente, um ideal de homem educado" (Farias; Fernandes, 2019, p. 75).

Neste sentido, as teorias críticas da organização do conhecimento se propõem a identificar pressupostos ideológicos que moldam, por exemplo, os sistemas de classificação e os métodos de indexação. Tais estudos tentam demonstrar como esses "sistemas universais" podem perpetuar a marginalização e exclusão de mulheres, minorias raciais, populações LGBTQIAP+, indígenas e quaisquer outros grupos sociais minorizados. Para Daniel Martínez-Ávila e Mariana Mello (2022, p. 31):

> […] nos sistemas de organização do conhecimento existe uma priorização de determinados grupos e visões que são colocados como hierarquicamente superiores. Resultando, então, uma representação privilegiada no sistema de recuperação, ou no arranjo físico da unidade de informação. Estas facetas privilegiadas refletem os grupos dominantes considerados normais ou padrões: brancos, etnicamente europeus, protestantes, heterossexuais, sem deficiências físicas, homens e burgueses (Martínez-Ávila; Mello, 2022, p. 31).

É nesse contexto que se inserem as discussões sobre representatividade e representação desenvolvidas nesta pesquisa. A formação, organização e representação dos acervos demandam reflexão crítica contínua sobre regras, instrumentos, tecnologias e escolhas que orientam esses processos. Mais do que procedimentos técnicos, tais práticas constituem formas de mediação entre sujeitos, conteúdos informacionais e sociedade e podem produzir diferentes condições de visibilidade e recuperação. Uma atuação comprometida com a pluralidade pressupõe, portanto, reconhecer que a representação da informação não é neutra e que suas escolhas podem favorecer ou limitar a presença e a visibilidade de diferentes sujeitos, obras e perspectivas nos sistemas de informação.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo descritivo, exploratório e quali-quantitativo, fundamentado nos pressupostos teóricos das abordagens críticas. O universo da pesquisa foi definido a partir do Cadastro e-MEC (E-MEC, 2025), que permitiu identificar 69 universidades públicas federais. Para contemplar as 27 unidades federativas brasileiras, selecionou-se uma universidade por estado. Nos estados com mais de uma instituição, priorizou-se aquela com sede na capital e, em casos de empate, a instituição com o maior número de bibliotecas em sua rede, entendida como o conjunto de bibliotecas que integra uma mesma estrutura institucional e compartilha o sistema de gerenciamento e recuperação de informações bibliográficas. Assim foram selecionadas 27 universidades. Vale destacar que a unidade de análise desta pesquisa não se restringiu à biblioteca central ou a quaisquer bibliotecas setoriais das instituições. A pesquisa foi empreendida nos catálogos em linha de toda a rede bibliotecária vinculada à universidade selecionada.

A etapa empírica foi realizada entre março e maio de 2026, mediante consulta aos catálogos em linha das redes selecionadas. Foram mapeados os títulos originais e as traduções das obras de Carolina Maria de Jesus, bem como as classificações e os assuntos atribuídos nos registros de Quarto de despejo. Os dados quantitativos permitiram observar a presença e a distribuição das obras, operacionalizando a dimensão da representatividade. A representação, por sua vez, foi examinada a partir das classificações e dos termos de assunto atribuídos nos registros bibliográficos analisados.

A análise qualitativa desses elementos buscou compreender em que medida as escolhas e práticas de organização e representação da informação podem favorecer, limitar ou produzir diferentes condições de visibilidade e recuperação da autora e sua obra nos catálogos investigados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Carolina Maria de Jesus, mineira da cidade de Sacramento, nasceu em 1914. Neta de um homem escravizado, se pode imaginar que cresceu ouvindo histórias do período escravocrata. Mudou-se para São Paulo aos 33 anos contratada como empregada doméstica. Ali exerceu muitas funções, mas as ocupações pelas quais é mais conhecida foram a de catadora de papelão, na época em que residia na favela do Canindé, sobrevivia, mantinha seus três filhos e registrava seu cotidiano em cadernos que encontrava no lixo; e, sobretudo, a ocupação de escritora, não

apenas de seu famoso diário, mas de poemas, contos, romances e peças de teatro (Carlos, 2022; Dalcastagnè, 2026; Duarte, 2021).

Em Quarto de despejo: diário de uma favelada a autora retrata a fome e sua indignação com os governantes do país. Na entrada de 10 de maio de 1958, Carolina registra: "O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças" (Jesus, 2014). Expõe ainda suas reflexões sobre falta de emprego, violência, pobreza, alcoolismo, preconceito, racismo e a convivência com seus vizinhos, para citar alguns assuntos da obra. Publicado em 1960, com venda de cerca de 100 mil exemplares nas três primeiras edições, traduzido para 14 idiomas e vendido em mais de 40 países, este livro foi considerado um sucesso (Carlos, 2022; Dalcastagnè, 2026; Duarte, 2021). Segundo Maíra Carlos (2022):

> O livro foi um marco no mercado editorial brasileiro, não apenas pelo alcance que conquistou em termos de vendas, mas principalmente pelo ineditismo de dar voz a uma mulher negra periférica. A história vendeu dez mil exemplares em menos de uma semana e alcançou 30 mil exemplares comercializados em três meses. [...] Estima-se que atualmente já tenha alcançado a marca de três milhões de exemplares vendidos em todo o mundo (Carlos, 2022, p. 44).

Esses recordes de venda em conjunto com as teses, dissertações e artigos dedicados a vida e obra da autora demonstram que suas obras não devem apenas estar presente nas bibliotecas brasileiras, mas devem ser foco de atuação e um ótimo exemplo sobre como, a catalogação de um trabalho, pode contribuir para a discussão sobre diversidade, justiça informacional e representatividade.

4.1 REPRESENTATIVIDADE

Em primeiro lugar, cabe destacar que o presente recorte integra uma pesquisa mais ampla que mapeia a representatividade e representação de 57 autoras, 27 delas consideradas negras, nas BUs brasileiras. Nesse universo, Carolina Maria de Jesus é a segunda escritora negra mais presente, com obras identificadas em 23 das 27 redes de BUs analisadas, correspondendo a pouco mais de 85%. Das quatro instituições sem obras da autora, apenas uma não apresentou qualquer registro relacionado a Carolina, enquanto as demais possuem ao menos uma biografia sobre a escritora.

Essa presença, contudo, não se distribui de maneira diversificada entre suas obras. Foram identificados dez títulos originais e cinco traduções. Quarto de despejo é a obra mais presente no conjunto de redes de BUs analisadas, disponível em 23 delas. Em sete, constitui o

único título da autora no acervo. Em seguida, encontra-se Casa de alvenaria, presente em oito redes. O escravo está disponível em seis redes; Diário de Bitita e Onde estaes felicidade, em cinco; Antologia pessoal e Meu estranho diário, em três; e Clíris, Meu sonho é escrever... e Pedaços da fome, em apenas uma rede cada. Destaca-se, neste conjunto, a rede de bibliotecas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que reúne o maior número de títulos da autora: oito obras em português, além de duas traduções.

No que se refere às traduções, foram identificados cinco títulos, quatro deles estão presentes em apenas uma rede cada: um em alemão, *Tagebuch der Armut*; dois em francês, *Journal de Bitita* e *Le Dépotoir*; e um em inglês, *I'm Going to Have a Little House*. *Child of the dark*, tradução de *Quarto de despejo* para o inglês, se destaca como tradução mais recorrente, estando disponível em sete redes. Cabe observar que *Journal de Bitita* foi publicado originalmente em francês, em 1982, e somente posteriormente traduzido para o português, em 1986.

Os dados evidenciam, portanto, uma forte concentração da presença de Carolina Maria de Jesus em torno de Quarto de despejo. Embora sua presença institucional seja expressiva, a distribuição de sua produção intelectual é significativamente mais restrita. Esse resultado é relevante para a dimensão da representatividade, pois demonstra que a presença da autora nos acervos não implica, necessariamente, a presença diversificada de sua produção literária.

4.2 REPRESENTAÇÃO

Quanto à classificação de Quarto de despejo, primeiramente, foram consideradas apenas as grandes áreas - uma vez que as redes podem adotar sistemas e edições de classificação diferentes. Das 23 redes que possuem a obra, 17 utilizam a classe 8, dedicada à literatura; quatro, a classe 92, destinada às biografias; e duas, a classe 3, correspondente às Ciências Sociais. Verificou-se, ainda, que uma mesma rede bibliotecária pode adotar classes distintas em suas bibliotecas setoriais. A distribuição das redes segundo a padronização dos códigos de classificação adotados pode ser observada na Tabela 1 a seguir.

Tabela 1 - Padronização de Classificação

Presença nas redes	**Rede com um acervo**	**BU com dois acervos ou +**	**Padronização de Classificação**		
23	6	**17**	Padronizada[1]	Similar[2]	Diferente[3]
			6 (35,5%*)	5 (29%*)	6 (35,5%*)

1. Todos os acervos possuem a mesma classificação
2. Os acervos estão em classificações distintas, mas pertencem a mesma classe

3. Os acervos estão classificados em duas ou mais classes distintas

* Percentuais calculados sobre as 17 redes com mais de um acervo.

Fonte: elaboração própria (2026).

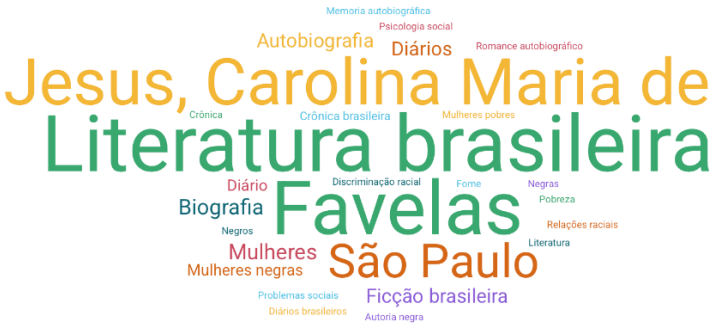
Sob a perspectiva da Organização da Informação, a atribuição de diferentes códigos de classificação a uma mesma obra produz formas heterogêneas de representação do conhecimento, o que pode, dependendo do contexto e dos sistemas adotados, repercutir na coerência do catálogo, na organização física e na localização da obra. Somam-se a isso possíveis dificuldades no compartilhamento e na interoperabilidade de registros bibliográficos entre bibliotecas da mesma rede.

A partir de uma perspectiva crítica, entretanto, a adoção de classificações distintas não deve ser compreendida necessariamente como uma falha dos processos de organização da informação. Essa diversidade pode refletir tentativas de aproximar a organização dos acervos às características, necessidades e demandas de cada comunidade usuária. O desafio consiste, portanto, em conciliar a pluralidade de perspectivas e contextos institucionais com condições que não comprometam a consistência, a recuperação da informação e a interoperabilidade de dados. Nesse sentido, políticas de classificação e indexação compartilhadas e critérios explícitos de representação podem contribuir para equilibrar diversidade epistemológica e consistência organizacional, preservando tanto a autonomia das instituições quanto a qualidade dos processos de organização e recuperação da informação.

De toda forma, essa questão evidencia que a classificação não constitui um processo inteiramente neutro ou meramente técnico. As decisões classificatórias não apenas ordenam fisicamente uma obra, mas também participam da maneira como os conhecimentos são representados, relacionados e disponibilizados aos usuários.

Quanto à indexação, Quarto de despejo recebeu diferentes termos de assunto nas redes analisadas, conforme pode ser observado na Figura 1.

Figura 1 - Descritores de Quarto de despejo



Fonte: elaboração própria (2026).

Todas as 23 redes que possuem a obra atribuíram ao menos um termo de indexação. Em três delas, contudo, a representação restringiu-se a descritores de caráter geral, entendidos, neste estudo, como aqueles que oferecem uma caracterização ampla da obra a partir da identificação do gênero literário e/ou da nacionalidade da autoria, sem contemplar aspectos temáticos, sociais ou culturais específicos de seu conteúdo — os termos atribuídos nesse caso foram: “Crônicas brasileiras”, “Ficção brasileira” e “Literatura brasileira”.

Em 16 redes, o nome de Carolina Maria de Jesus foi incorporado como assunto, ampliando a possibilidade de recuperação da obra pela autoria. Além disso, 17 redes atribuíram termos de assuntos relacionados à atinência, entendidos, neste estudo, como termos que representam aspectos temáticos, sociais, culturais ou outros elementos específicos de seu conteúdo. Entre essas 17 redes, nove utilizaram exclusivamente o termo “Favelas”; sete combinaram esse termo com outros relacionados à atinência e uma, a rede da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), empregou outros termos de atinência, sem utilizar “Favelas”.

A rede da UFRGS constitui, portanto, uma exceção. Ao invés de utilizar o descritor mais recorrente - “Favelas”, atribuiu os termos “Fome”, “Pobreza” e “Psicologia social”. Desse modo, embora parte significativa das redes tenha ultrapassado a representação estritamente genérica da obra, essa ampliação ocorre, em grande medida, a partir de um único eixo temático, representado pelo termo “Favelas”.

A recorrência de “Favelas”, utilizado por 16 redes, merece atenção. O termo é pertinente ao conteúdo da obra e sua utilização não constitui, por si só, um problema de representação. A questão está em sua centralidade diante da limitada diversidade de outros descritores, especialmente quando considerada em conjunto com a concentração da presença da autora em torno de Quarto de despejo. Esse padrão pode contribuir para uma representação predominantemente associada ao espaço da favela, tornando menos visíveis outras dimensões da produção de Carolina Maria de Jesus.

Essa interpretação dialoga com a reflexão de Regina Dalcastagnè (2026) acerca da recepção da produção de Carolina Maria de Jesus:

> O normal, quando um livro faz sucesso, é que as editoras fiquem ávidas por outras obras do mesmo autor. Não foi o que aconteceu com Carolina Maria de Jesus. É como se a sociedade brasileira estivesse disposta a ouvir as agruras de sua vida, e só. Ou como se a alguém como ela não coubesse mais do que escrever um diário, reservando-se o “fazer literatura” àqueles que possuem legitimidade social para tanto (Dalcastagnè, 2026, p. 291).

A reflexão de Regina Dalcastagnè (2026) permite estabelecer uma aproximação entre a posição ocupada pela autora no campo literário brasileiro e os padrões identificados nos sistemas de organização do conhecimento das redes analisadas. Se a recepção social e literária de Carolina Maria de Jesus pode ser marcada pela redução de sua produção à experiência da pobreza e da vida na favela, a recorrência do descritor “Favelas” nos catálogos das BUs pode ser compreendida como um possível reflexo, no âmbito da representação, de um processo semelhante de redução temática.

Sob essa perspectiva, os dados analisados permitem problematizar de que modo determinadas formas de representação do conhecimento podem contribuir para a reprodução ou o reforço de categorias sociais e epistemológicas dominantes, particularmente quando se trata da representação de sujeitos historicamente marginalizados. Contudo, cabe destacar, que os dados não permitem afirmar que essa correspondência decorra de uma intenção consciente dos profissionais responsáveis pela representação.

Por outro lado, a presença de descritores como "Mulheres" (presente na indexação de três redes), “Mulheres negras” (duas), “Pobreza” (duas), “Discriminação racial” (uma), “Fome” (uma), “Mulheres pobres” (uma), “Problemas sociais” (uma), “Psicologia social” (uma), “Relações raciais” (uma), indica que algumas redes incorporam dimensões sociais, raciais, econômicas e de gênero à representação da obra. Embora esses termos apresentem ocorrências pontuais, sua presença demonstra a possibilidade de uma representação temática mais ampla e complexa de Quarto de despejo. No conjunto analisado, entretanto, essa perspectiva plural ainda não constitui o padrão predominante.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma geral, os resultados evidenciam que, no universo investigado, Carolina Maria de Jesus apresenta presença significativa nos catálogos das bibliotecas universitárias, especialmente por meio de Quarto de despejo: diário de uma favelada. A presença concentra-se, portanto, em torno de uma única obra, enquanto os demais títulos e traduções apresentam distribuição significativamente menor. No que se refere à representação, são atribuídas à obra diferentes classificações e termos de assunto. Destaca-se, contudo, a recorrência do termo “Favelas”, enquanto dimensões raciais, de classe, gênero e outras dimensões sociais aparecem com menor frequência, revelando que a presença e a recuperação de uma obra não garantem a representação de sua complexidade social, histórica e cultural.

A análise evidencia, assim, que representatividade e representação constituem dimensões distintas e complementares. A presença de uma autora no acervo não esgota as condições de sua visibilidade, uma vez que as formas de descrição, classificação e indexação também interferem nas possibilidades de recuperação e contextualização de sua produção. Nesse sentido, ampliar a presença de autorias historicamente marginalizadas é condição importante, mas parece ser insuficiente para a construção de acervos e sistemas de informação mais plurais.

A pesquisa apresenta, contudo, limitações. A seleção de uma universidade pública federal por unidade federativa contempla as 27 unidades federativas, mas não permite generalizar os resultados para o conjunto das universidades públicas federais brasileiras. Além disso, a análise restringiu-se aos registros disponíveis nos catálogos em linha, não abrangendo diretamente políticas institucionais, instrumentos de organização do conhecimento, decisões profissionais ou experiências dos usuários. A adoção de diferentes sistemas de classificação também limita a comparação direta entre as instituições. As recorrências e ausências identificadas, portanto, descrevem as representações materializadas nos catálogos, mas não permitem determinar suas causas ou intenções. Do mesmo modo, a frequência dos termos não constitui, isoladamente, medida de qualidade ou complexidade da representação.

Assim, os resultados indicam que os catálogos possibilitam a presença e a recuperação da produção de Carolina Maria de Jesus, mas também evidenciam limites na amplitude de sua representação. Sob uma perspectiva crítica, a organização do conhecimento deve ser compreendida, portanto, não apenas como prática técnica, mas como dimensão que participa das condições de visibilidade e de reconhecimento da pluralidade dos saberes.

REFERÊNCIAS

BARROS, Thiago Henrique Bragato; EVANGELISTA, Isadora Victorino. Aspectos éticos em organização do conhecimento: uma análise discursiva dos eventos da ISKO internacional. *In*: ALMEIDA, Carlos Cândido de; SEGUNDO, Rosa San; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel (org.). **Estudos críticos em organização do conhecimento**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p. 165-192. Disponível em: https://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab_editorial/catalog/download/510/4448/8819?inline=1. Acesso em: 25 Out. 2026.

CARLOS, Maíra de Brito. Carolina Maria de Jesus: pioneira da literatura periférica. *In*: ELÓI, Maria Amélia (org.). **Escritoras brasileiras**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2022. p. 40-49.Disponivel em: https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/40932 . Acesso em: 25 Out. 2026

DALCASTAGNÈ, Regina. **Uma história da literatura brasileira contemporânea**: a narrativa. São Paulo: Todavia, 2026.

DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura afro-brasileira**: 100 autores do século XVII ao XXI. Rio de Janeiro: Pallas, 2021.

E-MEC. **Cadastro nacional de cursos e instituições de educação superior**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2025. Disponível em: https://emec.mec.gov.br/emec/nova. Acesso em: 31 jul. 2025.

FARIAS, Fabíola Ribeiro; FERNANDES, Cleide Aparecida. Leitura literária e mediação na biblioteca pública: exercício de identidade e alargamento de fronteiras. *In*: PRADO, Jorge Moisés Kroll do. **Mediação da leitura literária em bibliotecas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2019. p. 67-78.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel; MELLO, Mariana Rodrigues Gomes de. Da teoria crítica às teorias críticas: o percurso das reivindicações aplicadas na organização do conhecimento. *In*: SALDANHA, Gustavo; ALMEIDA, Tatiana de; SILVEIRA, Naira (org.). **Teorias críticas em organização do conhecimento**. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. p. 21-33. Disponível em: https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1248. Acesso em: 25 Out. 2026

PETIT, Michèle. **Somos animais poéticos**: a arte, os livros e a beleza em tempos de crise. Tradução de Raquel Camargo. São Paulo: Editora 34, 2024.

SANCHES, Gisele A. Ribeiro; RIO, Sinomar Ferreira do. Mediação da informação no fazer do bibliotecário e seu processo em bibliotecas universitárias no âmbito das ações culturais. **InCID**: Revista de Ciência da Informação e Documentação, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 103-121, 2010. Disponível em: https://revistas.usp.br/incid/pt_BR/article/view/42323. Acesso em: 5 maio 2025.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Na literatura, mulheres reescrevem a nação. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista brasileiro**: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 65-79.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. *In*: PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 401-442.